

OS ANARQUISTAS E A GUERRA

III

No número passado da *Aurora*, a propósito da intervenção papal na guerra, chegávamos á conclusão, aliás lógica, de que, findo o conflito, a influência católica se salientaria de uma maneira evidente, mórmente na França. A simples deducção dos factos levava-nos a concluir desta maneira, embora desconhecêssemos qualquer deligencia diplomática nesse sentido. Hoje, porém, o caso muda de aspecto.

Na *Cronaca Sovversiva*, de 13 de fevereiro passado, encontramos as seguintes transcrições que reforçam a nossa tese; e, para que o leitor as aprecie, não resistimos á tentação de as traduzir fielmente:

«La Stampa», de Torino, órgão officioso de Giovanni Giolitti, annunciava, nos princípios de dezembro, que o ministro inglês Sir Howard estava encarregado de um assunto escabroso, cujo fim era eliminar todas as dissensões entre a França e o Vaticano, e juntava a nomeação do ministro inglês junto da Santa Sé é um sinal das novas relações entre a república e o Vaticano.»

«Em Sir Howard tem a França um amigo que tratará dos seus interesses junto da Santa Sé. Depois da lei da separação nenhuma influência tinha no Vaticano. Declarada a guerra não podia, de facto, a França confiar mandado algum ao ministro da Rússia que não está em muito boas relações com o Papa, nem ao ministro da Bélgica, o velho barão d'Erp, que pela sua idade está condenado á inercia e á impotência. A posição, pode dizer-se hoje, mudou: a França encontra-se para com o Vaticano nas condições de uma potência que tendo quebrado as relações diplomáticas com uma outra confía a um embaixador amigo á tutela dos seus interesses.»

«Sir Howard será, para o futuro, se não o delegado da *Triple Entente* junto da Santa Sé, pelo menos o embaixador anglo-francês que poderá preparar o terreno para que a República tenha representação directa junto do Papa, representação directa que é reclamada pelos católicos de França, os quais servem a república laica com um realismo igual aquéle que os católicos ingleses, irlandeses e canadianos têm pelo culto anglicano da *Grã-Bretanha*.»

«O *Giornale d'Italia* acentua que as negociações iniciadas ao estalar a conflagração foram momentaneamente interrompidas com a morte de Pio X, mas que agora continuam com alicriidade entre as mais altas personalidades laicas e eclesiásticas dos dois lados, e escreve:

«Um alto prelado francês esteve em Roma na primavera passada, conferenciando, para este fim, com as mais altas personalidades católicas, afim de se acordar nas principais bases de um possível entendimento.»

«Uma eminente personagem foi encarregada de coordenar e traduzir do francês para o italiano—Pio X tinha escasos conhecimentos da linguagem diplomática—uma correspondência volumosa e vários documentos que apenas traduzidos foram submetidos á apreciação do Pontífice.»

«São interessantes particularmente os documentos que resumem a história das relações diplomáticas entre a Santa Sé e a França, e as causas que em 1905 determinaram a rotura.»

«Veio a morte de Pio X, e o trabalho de preparação ficou interrompido.»

«Hoje principiou com fervor; e é certo que um bispo francês trabalha activamente para o mesmo fim, mantendo assídua correspondência com as mais altas personalidades do mundo católico.»

«O *Corriere della Sera*, de Milão, carrega na dóse:

«Como já havíamos noticiado o Papa mandou, no proprio dia da sua eleição, ao presidente da República francesa, uma carta autógrafa annunciando-lhe a sua eleição ao pontificado.»

«Benedicto XV inspirava-se, assim, no exemplo de Leão XIII, que, em 10 de fevereiro de 1878, dia da sua eleição, escreveu ao imperador Guilherme I oferecendo-lhe a paz religiosa.»

«Diz-se que monsenhor Touchet, bispo de Orleans, deve chegar a Roma dentro de alguns dias com a resposta do Presidente da República francesa.»

Avalie-se por aqui o que a propósito da influencia católica em França, se pensa em Roma. Não merece comentários. Dos factos extraíra o leitor a ilação que d'elles resalta.

Dia a dia novos aspectos surgem em volta do vulcão que envolve a Europa nas suas lavas, deixando-nos indecisos á vista do que se vai succedendo.

Quere isto dizer que de nós se tenha apoderado um desánimo tamanho que nós obriguemos a afrouxar o combate que, em defesa dos princípios, iniciamos ao estalar a maior carnificina de que nos fala a história?

Não, decerto. Nós estamos convencidos que nenhum dos *noossos*, rectificando a pontaria, á maneira do ex-senpai, Hervé, será capaz de justificar a guerra; e supomos que os anarquistas intervencionistas,

já incorporando-se nas fileiras voluntariamente, já predicando a necessidade de aniquilar a Alemanha—ou antes, o militarismo alemão—se deixaram influenciar por um sentimentalismo a que não puderam subtrair-se, em consequência das morbosidades atávicas serem ainda no homem um forte pendó, digno de atenção como causa determinante, quando acordado no fundo do coração onde dormitava.

O homem, impotente para dominar os instintos animais que a educação ancestral lhe legou em perniciosa herança, apesar dos séculos que o espacia da animalidade primitiva, é ainda um incapaz para se libertar dos efeitos das vibrações emotivas. A personalidade, isto é, a consciência, cede o lugar aos instintos animais, revelando-se então, em toda a sua nudez, o que n'ele existe ainda dos seus antepassados mais distantes.

Empolgados pela raevidade presente num momento de entusiasmo colectivo, caíram victimados pela lei da auto-sugestão hypnotica, julgando que assim actuam o mais de harmonia possível com as doutrinas que professam.

Devemos por esse facto maldizê-los, anematisá-los?

Não, e nem isso seria próprio de anarquistas que se apresentariam tão ou mais intolerantes que os proprios católicos.

Nós vencemos a corrente predominante, é certo; mas amanhã—quem sabe? talvez não possamos dizer o mesmo; talvez o perigo duma invasão que porventura ameace Portugal, nos obrigue, sob o império das circunstâncias, a modificar o nosso pensamento de hoje.

Finda a guerra, convencidos os intervencionistas—e os factos futuros convenceo-lhes—de que do seu sacrificio nenhum benefício adveio para a causa, retemperarão á sua consciencia e não mais se deixarão levar na corrente guerreira. Eles voltarão de novo para o nosso lado á combater decididamente todas as guerras cujos efeitos são sempre desgraçados para a humanidade produtora que é quem carrega com os encargos inerentes a semelhantes empresas.

Se hoje combatemos a sua attitude belicosa, que resulta, á face do anarquismo, incoerente, é porque os consideramos arredados dos principios que tão á boamente esqueceram, parece-nos; mas os fenômenos de ordem psicologica são tão complexos que muitas vezes o nosso juizo crítico é apenas admissivel partindo da razão pura.

Se os individuos são determinados, eles são, portanto irresponsaveis pelos seus actos; o nosso dever é eliminar a causa que os determinou—e de facto, é o que estamos fazendo; mas combatendo a causa, para que o nosso trabalho não seja de todo inutil, demonstrando-lhe o erro em que labôram; e seria rematada loucura combater uma causa sem demonstrarmos os efeitos; mas não seria menor loucura combater os efeitos escondendo a causa.

Gulpilhares, 1915

GIORDANO BRUNO

Previsões negras

Numa carta a Vandervelde, dizem socialistas russos:

«Aquí todos os periódicos são suprimidos, se se atrevem a dizer uma parte da verdade.»

Todas as organizações operarias são dissolvidas.

Todos os lutadores mais em vista são encarcerados ou deportados.

Al de nós se á guerra terminou como o triunfo do governo russo!

Nesse caso, a Rússia ficaria convertida no centro-motor da reacção mundial.

Se a Rússia sai victoriosa desta contenda, verá aumentados a sua força e o seu prestigio e será o obstáculo mais formidavel que pôde oppor-se ao desenvolvimento das ideias modernas.

Por estas razões, o proletariado não deve nem poder, em caso algum e sob nenhum pretexto conceder um armistício ao governo, por breve que seja.

O nosso interesse está em que não que debilitado o poder dos noossos

opressores para que nos seja possível formular novamente as reivindicações que originaram a revolução do ano de 1905.

Com o triunfo da Rússia ficaria por agora devaneada a nossa última esperança.»

Esta previsão, que é bem fundamentada para os russos, serviu de pretexto aos sociaes-democratas do Kaiser para abandonarem (se é que o tiveram jamais) o critério socialista e enleirarem nas hostes do militarismo e do Estado.

Ainda que fôsse sincero o desejo de esmagar ou desmoralizar o tsarismo, essa previsão não compensaria o mal causado pela traição á causa da Internacional operaria e socialista, sem contar que os perigos duma vitória do Kaiser contrabalançam bem os duma vitória do tsarismo. Bem fizeram, pois, os socialistas russos quando, no principio da guerra, protestaram contra aquêl singular modo social-democrático de ajudar a revolução russa.

Os socialistas russos

São os socialistas russos que em maior número tem mantido, perante a guerra, uma attitude intransigente e conforme ao internacionalismo, o que naturalmente lhes tem valido um redobar de perseguições.

Ainda ultimamente, os delegados Martoff e Lapinsky, que não puderam tomar parte na conferencia de Londres, declararam que a resolução ali tomada é, na sua essencia, contrária ao espirito das decisões dos congressos socialistas internacionais e á opinião da maioria dos socialistas russos e polacos.

Na recente sessão extraordinária da Duma, Tchcheidze, em nome dos deputados socialistas ainda em liberdade, leu uma declaração pedindo a immediata conclusão da paz. O presidente resolveu que não fôsse inserta na acta. Tendo o deputado Mankoff falado contra a declaração, foi na mesma noite excluido do partido social-democrático.

Brevemente daremos um resumo do manifesto que os socialistas russos publicaram no principio da guerra.

Jean Grave e a censura

Le Réveil, de Genebra, publica a seguinte carta aberta, dirigida por Grave aos camaradas da *Bataille*, em 25 de Janeiro:

«Não sem espanto, sei que a censura não só acaba de recusar a autorização para publicar o meu artigo: *Quem pagará a louça partida?* no qual lembro aos camaradas alemães a ideia de, quando tiverem de pagar a indemnização que lhes foi reclamada para reparar as ruínas de que são autores, na Bélgica e em França, a tirarem da riqueza pessoal do Kaiser e da corja que os arrastou a este ataque injustificado, e outro: *Em nome dos principios*, em que procuro explicar o motivo por que os revolucionários deviam tomar parte na defesa comum; mas que, além disso, se falou em me processar. Não sou curioso, mas daria dois soldos para ver isso!

Se querelado por ideias que em si mesmas, nada têm de subversivo, e que para mais me impedem de exprimir, é o cúmulo! Só ministros socialistas ou ex-socialistas é que podiam achar tal contra-senso.

De 19 artigos que vos envieí, foram sabotados pela censura treze, sendo oito d'estes totalmente suprimidos.—Não se trata aqui de mim; mas isso illustra um regime, pois toda a imprensa se quixa dos mesmos rigores, suportando-os, contudo.

Apartê isso, é innegável que os trabalhadores, que na linha de fogo são furados pelas balas ou apunham nas trincheiras uma coleção de enfermidades para a violação, combatem pela sua independência, pela justiça, pelo direito e pela liberdade!

Em nome do padre, do filho e do Espírito Santo. Amen!»

Carta de Lisboa

Dois mermoráveis comicos

Como noticiamos, realizou-se no pretérito domingo nos terrenos do parque Eduardo VII, promovido pela União O. Nacional e União dos Sindicatos, um grandioso comício de protesto contra a carestia da vida, que assumiu um aspecto verdadeiramente gigantesco, pelo número assombroso, elevadissimo de populares que ali acorreu.

Eram 15,30 horas quando, perante a enorme multidão que se aglomerava em volta da tribuna, o comp. Mario Nogueira, delegado da U. O. N., assumiu a presidência dessa grande reunião, expondo os fins para que a mesma foi promovida e dando em seguida a palavra a Francisco Aparicio, que atacou severamente a chamada *lei da fome* e imputa ás responsabilidades da crise cerealifera, que actualmente nos assoberba, aos grandes proprietários da região alentejana. Termina fazendo um ataque cerrado á todos os governantes por desprezarem a questão económica.

Usa em seguida a palavra Henrique Silva, manipulador de pão, que, afirmando que á sua classe não cabem responsabilidades pela subida do preço do pão, diz que á escassez de farinhas se agravará se, por parte dos governantes, não se adoptarem medidas de segurança. A lei de cereaes, só veio favorecer os açambarcadores, que mantendo armazenados o trigo e outros cereaes aguardam o momento de com eles poderem especular. Carlos de Melo, pela U. O. P., diz que a actual organização social é a causa da miserina situação em que nos debatemos. Finalisa acasalhando energia ás classes trabalhadoras, para que sejam atendidas nas suas reclamações justissimas.

Antonio Pereira, da U. dos Sindicatos Operários, afirma haver, na actual crise, um jogo politico, no qual tem entrado a própria câmara municipal, as classes laboriosas—continua—devido á sua ingenuidade e apatia, descuidaram os seus interesses, deixando-se chegar á deprimente situação em que se encontram. João Caldeira faz identicas afirmações. Segue-se-lhes Souza Neves, que se ocupa da crise da carne e do peixe, dizendo que as culpas da mesma pesam sobre os açambarcadores e o governo, pelas pesadas contribuições que lança.

Grimaldo Ajuda e Jeronimo de Souza falam sobre os presos por questões sociais, apresentando este último uma moção que unanimamente foi aprovada.

Por fim o nosso camarada Sebastião Eugenio, analisa as causas da situação que atravessamos atirando com as principais responsabilidades da actual crise ao penultimo governo, por não ter feito a importação do trigo, antes do desencadeamento da conflagração europeia.

Por ultimo, foi apresentada a aprovada proclamação á seguinte moção:

«Considerando que a carestia da vida é um vasto problema que tem as suas causas basicas na organização da presente sociedade e agravada a falta de tino administrativo, que ha longos anos tem presidiado aos destinos do país, não lhe aproveitamos as suas riquezas naturais nem animando o desenvolvimento industrial, pelo que a industria nacional se encontra na sua grande maioria dependendo do estrangeiro; considerando, porém, que no actual momento a carestia da vida assumiu um caracter de extrema gravidade pela excessiva exorbitancia de preços dos principiaes generos de alimentação, considerando, que de tão dolorosa hora os açambarcadores e especuladores se aproveitam para satisfazer os seus appetes gananciosos, provocando a escassez dos generos e consequentemente a elevação dos seus preços; considerando que de tão infames maneios resulta o povo não poder satisfazer as suas necessidades, com a agravante de existir uma grande crise de trabalho; considerando que aos governos e aos municipios compete zelar pelo bem-estar publico, procurando evitar, o mais possível, as suas difficuldades derivadas ou antes elevadas pela desgraçada hora que a humanidade atravessa; e o povo de Lisboa, reunido em comício publico, resolve:

Reclamar do governo as mais severas medidas de repressão para os açambarcadores e especuladores dos generos de subsistencia e de necessidade publicas; a rigorosa execução do decreto que proíbe a exportação de generos alimentícios e ainda duma mais eficaz vigilância na fronteira para evitar o contrabando de artigos de utilidade publico bem assim a abertura

luntá rriamente» ás fileiras do exercito para não ter que ir á força garan ta com certeza que o serviço milita r obrigatório não triunfará na Inglaterra, durante ou após a conflagração.

A coacção directa, exercida pelo Estado, com a prisão, o degredo, os trabalhos forçados ou o fuzilamento, é certamente pior do que a coacção indirecta, a qual não constitui novidade para o operário consciente, o militante revolucionário, o grevista; mas em todo caso não deixa de ser bem débil e relativa a «voluntariedade» do serviço militar inglês—aliás arriscada a sossobrar na tormenta.

Notas Rubras

Primaveral. . .

O Calendário marca para hoje, o início da estação mais bela do ano—a Primavera.

A natureza, porém, começou antecipadamente a engrinaldarse com verduras e flores.

Foi-se o Inverno, o algoz dos miserols!

Já por toda a parte a linda Primavera principiou a manifestar-se eloquentemente.

Primavera, tempo de amor e poesia, remoeça a Terra e as Almas! E assim como transformas as flores dos pomaes em deliciosos frutos, convertes as capelas dos corações em sentimentos puros. . .

Que os teus formosos dias cheios de sol e de perfumes não descurem a fecundação material e espiritual. . .

Bem sei que ha muitas bocas soffregas de Pão e imensos olhos sedentos de Luz que não podem gosar nem admirar a tua beleza, Primavera, pois que se estiolam nos tugúrios das cidades, na profundeza das minas e tambem no ventre das fábricas e oficinas!—Mas ha-de chegar o dia, acredita ó «Riso da Natureza», em que toda a humanidade poderá disfrutar com alegria e felicidade os teus sublimes e lindos encantos.

Por isso, eu te saúdo com fervor e entusiasmo, Primavera!

C. Rodrigues

Como salvar a França?

Em 1870, Bakunine queria salvar a França. . . e revolução. Qual França?

«Não sou de modo algum nacionalista. Detesto até com todas as veias da minha alma o pretencioso principio das nacionalidades e das raças, que Napoleão III, Bismarck e o imperador da Rússia apresentaram unicamente para em nome delas destruir a liberdade de todas as nações.

. . . O que nesta hora me interessa, não é pois a salvação da França como grande potência politica, como Estado, nem da França imperial, nem da França régia, nem sequer da República francesa.»

Mas salvar a França como?

«Creio ter suficientemente provado que a França já não pode ser salva com meios regulares, com os meios do Estado. Mas fora da organização artificial do Estado, não há uma nação senão o povo; portanto a França não pode ser salva senão pela acção imediata, não politica, do povo, com a sublevação em massa de todo o povo francês, organizando-se espontaneamente, de baixo para cima, para a guerra de destruição, a guerra selvagem á faca.»

Mas os burgueses, dizia êle, antes querem Bismarck do que semelhante coisa, do que a revolução; e certos jornalistas do socialismo tem por ela igual horror:

«Esses mesmos escritores socialistas que troyejam contra a burguesia são burgueses da cabeça aos pés,—propagandistas, apóstolos da politica burguesa e, como consequência necessária, as mais das vezes sem saber nem querer, defensores dos interesses da burguesia contra o proletariado.»

Estas coisas fazem parte das «Cartas a um Francês» e são escritas já depois de proclamada a república e em presença do inimigo, quando qualquer tentativa revolucionária (como a de Lião, em que entrou Bakunine) podia parecer impossivel e susceptivel de dividir forças e prejudicar a república.